

DOCUMENTOS

A propósito das comemorações do cinquentenário da USP — Homenagem ao professor Paul Arbousse-Bastide:

- Palestra proferida pelo professor Heládio Cesar Gonçalves ANTUNHA
- *Saudação* — pela professora Elisabete MOKREJS
- *O que o Brasil me ensinou* — Texto da Aula Magna proferida pelo professor Paul Arbousse-Bastide
- Uma nota histórica. A propósito do cinquentenário do *Curso de Metodologia do Ensino* na USP — Elisabete MOKREJS

HOMENAGEM AO PROFESSOR PAUL ARBOUSSE-BASTIDE

Heládio Cesar Gonçalves ANTUNHA *

A presente homenagem ao eminente Professor Paul Arbousse-Bastide é um dos pontos culminantes de todo o programa de celebração do cinquentenário da Fundação da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O Professor Bastide foi um dos mais ativos membros da Missão Universitária estrangeira que, nos primeiros anos de vida da USP, colaborou no projeto de instituição da primeira — autêntica — Universidade Brasileira.

Para não repetir o que tão apropriadamente já foi observado por diversos estudiosos a respeito da atuação dos membros da Missão e de suas conseqüências na consolidação da USP, como a primeira dentre as mais importantes do país, seguirei meu próprio caminho e procurarei expor, embora sucintamente, algumas características do projeto de implantação da USP, ajudando, assim, a compreender o contexto cultural paulista em que o Professor Bastide e os demais membros da Missão Universitária deram a sua contribuição para o êxito do empreendimento. *Amplio* assim a justa homenagem ao Prof. Bastide para nela incluir todos os participantes da Missão, ao longo dos anos.

Ao matricular-me, em 1945, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, logo percebi que eu pertencia a uma *nova geração de alunos* que, cada vez mais, via *diminuir a influência pessoal dos grandes mestres estrangeiros*, do passado recente, mas que, ao mesmo tempo *presenciava o crescimento e a influência dos novos mestres, nacionais*. Presenciava, na verdade, o início do processo de substituição dos antigos mestres “missionários”, pelos novos e competentes docentes nacionais, por aqueles formados. Além de Fernando de Azevedo e de seus colegas, vindos do antigo Instituto de Educação, meus professores foram João Cruz Costa, Anita Cabral, Livio Teixeira, Cícero Cristiano de Sousa, além de mais jovens como Laerte Ramos de Carvalho, João Cunha Andrade, entre outros.

* Diretor da Faculdade de Educação. USP.

Os dois únicos estrangeiros de que fui discípulo na FFCL, — de 1945 a 1948 — já num outro contexto foram os Professores Otto Klineberg, americano e Giles Gaston Granger, francês.

São Paulo, no início dos anos 30, era uma cidade relativamente pacata, apesar dos exageros de expressões a ela aplicadas como a de *"Paulicéia Desvairada"*, ou a referência aos *"Tristes Trópicos"*. O ano de 1934, da Fundação da USP e da FFCL era testemunha da elevação da população da Cidade para o *"milhão fatídico"*. O acontecimento mais importante, no entanto, havia sido, por suas consequências, a derrota paulista na Revolução Constitucionalista de 1932.

É preciso ainda, entre outros aspectos, lembrar a influência que exercia, na formação da opinião pública (paulista e brasileira), o jornal *"O Estado de São Paulo"*, dirigido por Julio de Mesquita Filho que, junto com Fernando de Azevedo, possuía idéias próprias sobre o papel da Universidade no progresso cultural (paulista e nacional).

São de Julio de Mesquita Filho as seguintes palavras, que exprimem muito bem as frustrações paulistas em decorrência da derrota militar de 32: *"Vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço voltaríamos à hegemonia que durante longas décadas desfrutáramos no seio da Federação. Paulistas até a medula, herdáramos de nossa ascendência bandeirante o gosto pelos planos arrojados e a paciência necessária à execução dos grandes empreendimentos. Ora, que maior monumento poderíamos erguer aos que haviam consentido no sacrifício supremo para preservar contra o vandalismo que acabava de aviltar a obra de nossos maiores, das Bandeiras à Independência e da Regência à República, do que a Universidade?"*.

O ponto de partida de sua doutrina universitária decorria de uma visão crítica da situação existente, de um modo geral, no ensino superior daquele período.

"Diante dessa lamentável realidade, não havia como errar. Tomaríamos pela vereda oposta". O ensino superior no país encontrava-se fragmentado em diversas *escolas profissionais separadas*, dando-se as costas e chegando mesmo a *competir umas com as outras*. A solução seria procurar a trilha que levasse a um tempo à integração de todas as escolas e *ao cultivo também* dos estudos de caráter geral, — *"desinteressados"*.

A *medida fundamental*, a solução para o problema do ensino superior em São Paulo seria a *criação de uma Universidade*, constituída essencialmente por um Instituto central, de caráter não profissional, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na qual seriam reunidas todas as *cadeiras gerais*, até então dispersas, de

maneira anti-econômica, pelas diversas faculdades profissionais (de Direito, Medicina e Engenharia, principalmente). Essas cadeiras, entre as quais podem ser mencionadas, a título de exemplo, as de Matemática, de Química, de Física, de Biologia Geral, encontravam-se multiplicadas pelos diversos institutos de ensino superior, com evidente repetição de despesas, sem qualquer canal de comunicação intelectual, ignorando-se umas às outras, embora realizando tarefas semelhantes ou muito próximas. "Pois bem, segundo a concepção que presidiu a redação do Decreto de 25 de janeiro de 1934 (*que fundou a Universidade de São Paulo*), elas seriam eliminadas desses diferentes Institutos para que os alunos (...) as cursassem na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras". Esta Faculdade tornar-se-ia, assim, a Escola fundamental, a Escola propriamente universitária da Universidade de São Paulo.

Assim, parece-me que a especial relevância teórica-prática do decreto de criação da Universidade de São Paulo reside sobretudo na concepção da estrutura que se procurou instituir com a sua edição. Refiro-me particularmente à idéia de montar a Universidade à base da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, *como uma instituição única* e não repartida em duas ou mais — como muitos sugeriam — e destinada a encarregar-se do *cultivo de todos os ramos do saber*, segundo o princípio da universalidade de campo; de promover o ensino das disciplinas de caráter não utilitário — *desinteressadas*; de realizar pesquisas científicas e altos estudos também de caráter geral, desinteressado; de promover cursos básicos de disciplinas comuns a outros institutos universitários; e de colaborar na formação de professores de ensino secundário e superior. Foi a peculiar concepção dos objetivos e das funções integradoras da Faculdade de Filosofia que deram ao *modelo da USP* a sua característica própria e inconfundível.

Infelizmente, a concepção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras sofria, em minha opinião, de uma séria ambigüidade estrutural: 1. por um lado, ela aparecia como uma escola de artes liberais, de estudos básicos e gerais, propedêutica, preliminar, à opção por especializações e estudos de caráter profissional. Essa Faculdade deveria, assim, *oferecer os cursos básicos para todos os alunos* da Universidade.

2. Mas há uma outra face da Faculdade de Filosofia: ela é pensada também, desde o início, como uma instituição dedicada aos *altos estudos* (ao modelo alemão) em quaisquer ramos da filosofia, das ciências e das letras, abarcando, assim, a totalidade e a universalidade do saber. Teria ela, pois, objetivos semelhantes ao dos atuais cursos de Pós-Graduação. Isso explica por que foram seus primeiros alunos pessoas já formadas, que aguardavam a oportunidade de se matricular e de se aperfeiçoar na nova Escola. O

exemplo mais significativo foi a verdadeira corrida ao primeiro lugar na matrícula, vencida, aliás, pelo Mestre João Cruz Costa, o primeiro a matricular-se, o aluno nº 1 da FFCL.

De qualquer modo, havia que se passar da concepção da nova Universidade a sua efetiva implantação. Como pôr em execução o plano de introdução dos altos estudos se não havia professores nacionais em condições de assumir a regência das cadeiras planejadas? Daí saiu a idéia de contratação de professores estrangeiros, eminentes, dos centros intelectuais mais importantes, sobretudo da Europa, como já havia ocorrido com a Faculdade de Medicina, em seus primórdios. E novamente isto foi feito.

A disposição do Governador Armando de Salles Oliveira de executar adequadamente os planos de organização da nova escola e de constituir em alto nível o seu corpo docente transparece claramente na missão que foi confiada ao primeiro Diretor da Faculdade de Filosofia, o politécnico Teodoro Ramos. Ele seguiu para a Europa, onde entrou em entendimentos com os governos da Itália, França e Alemanha. Os governos dos dois primeiros países dispuseram-se a assegurar, aos professores interessados em vir para São Paulo, todas as vantagens e direitos de seus cargos, inclusive a remuneração e contagem de tempo de serviço, durante todo o período de vigência do contrato. É interessante notar que não foram por ele contratados "figurões", velhos mestres portadores de um grande nome e de ampla produção científica e cultural. Teodoro Ramos procurou contratar professores *relativamente jovens em sua maioria*, que ainda se encontravam em processo de realização de suas carreiras. Sabe-se que isto decorreu de uma recomendação de George Dumas, (o grande incentivador dos planos do governo paulista) de não contratar "gros-bonnets" e sim assistentes ou jovens professores que poderiam, eles também, beneficiar-se de sua experiência no Brasil, para o desenvolvimento de suas carreiras acadêmicas. Esta, aliás, revelou-se uma sábia política, tendo inclusive muitos desses professores realizado importantes estudos sobre a realidade brasileira. Nesse grupo de "missionários" (entre aspas) inclui-se o nosso homenageado de hoje.

Um importante aspecto a ser ainda considerado é, a meu ver, uma consequência aparentemente não prevista. Com a contratação de mestres estrangeiros, aplicava-se no regime de cátedras um golpe que eu chamei, talvez impropriamente de moratória desse regime. Ao contrário do que ocorria com as demais escolas da Universidade, que possuíam professores catedráticos — vitalícios e inamovíveis — a nova Faculdade pode dispor, durante muito tempo, de um corpo de professores, relativamente jovens, sem intenções de perpetuação nas funções para as quais haviam sido contratados, porém com profundas ambições de natureza intelectual.

Um exemplo disso é o nosso homenageado de hoje: para nossa admiração temos aqui, entre nós, um jovem de 84 anos, independente, irrequieto, atuando ainda, como se estivesse na São Paulo da década de 30.

Professor Bastide:

Receba, em nome da Universidade de São Paulo e em meu próprio, as homenagens a que o Senhor faz jus. E nesta saudação ao Professor Bastide, saudamos também a todos os professores estrangeiros que, nestes 50 anos, participaram, de uma forma ou de outra na implantação e no desenvolvimento da Universidade de São Paulo.

São Paulo, 13 de setembro de 1984.